

AQUILOMBAMENTO NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR:

Limites e possibilidades por meio de gingas e mandingas na Capoeira

AQUILOMBAMENTO IN SCHOOL PHYSICAL EDUCATION:

Limits and possibilities through gingas and mandingas in Capoeira

AQUILOMBAMENTO EN EDUCACIÓN FÍSICA ESCOLAR:

Límites y posibilidades a través de gingas y mandingas en Capoeira

AQUILOMBAMENTO EN EDUCATION PHYSIQUE SCOLAIRE:

Limites et possibilités grâce aux gingas et mandingas en Capoeira

Karoline Hachler Ricardo

Mestrado em Ciências do Movimento Humano, Universidade Federal do Rio Grande do Sul;
Professora de Educação Física da rede municipal (Guaíba/RS) e da rede estadual, Rio Grande do Sul,
Brasil.

karolinehachler@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-3829-3246>

Luana Paré Costa

Graduada em Educação Física Licenciatura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Mestranda
no Programa de Pós-graduação em Ciências do Movimento Humano, Rio Grande do Sul, Brasil.

luana-pare@hotmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-9680-2697>

Janice Zarpellon Mazo

Doutorado em Ciências do Desporto, Universidade do Porto/Portugal; Professora Titular da Escola de
Educação Física, Fisioterapia e Dança (ESEFID) e do Programa de Pós-Graduação em Ciências do
Movimento Humano (PPGCMH), da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Rio
Grande do Sul, Brasil.

janice.mazo@ufrgs.br

<https://orcid.org/0000-0002-8215-0058>

Elisandro Schultz Wittizorecki

Doutorado em Ciências do Movimento Humano, Universidade Federal do Rio Grande do Sul;
Professor Titular da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança (ESEFID) e do Programa de Pós-
Graduação em Ciências do Movimento Humano (PPGCMH), da Universidade Federal do Rio Grande
do Sul (UFRGS), Rio Grande do Sul, Brasil.

elisandro.wittizorecki@ufrgs.br

<https://orcid.org/0000-0001-7825-0358>

*Recebido em: 01/03/2024**Aceito para publicação: 13/11/2024*

Resumo

Esta pesquisa narrativa tem o objetivo de analisar a experiência com a prática cultural da Capoeira nas aulas de Educação Física realizadas com uma turma de sexto ano do ensino fundamental de uma escola da rede pública de Porto Alegre/RS. O estudo faz parte de uma pesquisa-ação participante que intencionou aulas de Educação Física inspiradas nos pressupostos da decolonialidade e da interculturalidade. Suleados(as) pelas noções de quilombo e aquilombamento, de acordo com Beatriz Nascimento (2006a; 2006b; 2018), a professora e os estudantes da escola atravessaram o conteúdo da Capoeira cunhando (ou inventando) outras formas de experienciar e conceber a própria Educação Física escolar. Nas aulas buscou-se atenuar o afastamento entre as concepções de corpo e mente, dialogar com saberes, conhecimentos, culturas, saberes-fazer menos eurocentrados, aproximando-se das culturas e dos modos de vida africanos e afro-brasileiros.

Palavras-chave: Capoeira. Aquilombamento. Educação Física Escolar. Decolonialidade. Interculturalidade.

Abstract

This narrative research aims to analyze the experience with the cultural practice of Capoeira in Physical Education classes held with a sixth-year elementary school class at a public school in Porto Alegre/RS. The study is part of a participatory action research that designed Physical Education classes inspired by the assumptions of decoloniality and interculturality. Surrounded by the notions of quilombo and quilombamento according to Beatriz Nascimento (2006a; 2006b; 2018), the teacher and students at the school went through the content of Capoeira coining (or inventing) other ways of experiencing and conceiving school Physical Education itself. In classes, we sought to mitigate the gap between the conceptions of body and mind, to dialogue with less Euro-centric knowledge, knowledge, cultures, know-how, getting closer to African and Afro-Brazilian cultures and ways of life.

Keywords: Capoeira. Aquilombament. School Physical Education. Decoloniality. Interculturality.

Resumen

Esta investigación narrativa tiene como objetivo analizar la experiencia con la práctica cultural de la Capoeira en las clases de Educación Física realizadas con una clase de sexto año de educación básica en una escuela pública de Porto Alegre/RS. El estudio es parte de una investigación acción participativa que diseñó clases de Educación Física inspiradas en los supuestos de descolonialidad e interculturalidad. Rodeados de las nociones de quilombo y quilombamento según Beatriz Nascimento (2006a; 2006b; 2018), el profesor y los alumnos de la escuela recorrieron los contenidos de la Capoeira acuñando (o inventando) otras formas de vivir y concebir la propia Educación Física escolar. En las clases, buscamos mitigar la brecha entre las concepciones de cuerpo y mente, dialogar con conocimientos, saberes, culturas y saberes menos eurocéntricos, acercándonos a las culturas y formas de vida africanas y afrobrasileñas.

Palabras clave: Capoeira. Aquilombamento. Educación Física Escolar. Descolonialidad. Interculturalidad.

Résumé

Cette recherche narrative vise à analyser l'expérience de la pratique culturelle de la Capoeira dans les cours d'éducation physique dispensés dans une classe de sixième année primaire d'une école publique de Porto Alegre/RS. L'étude fait partie d'une recherche-action participative qui a conçu des cours d'éducation physique inspirés par les hypothèses de décolonialité et d'interculturalité. Entourés des

notions de quilombo et quilombamento selon Beatriz Nascimento (2006a ; 2006b ; 2018), l'enseignant et les élèves de l'école ont parcouru le contenu de la Capoeira en inventant (ou en inventant) d'autres manières de vivre et de concevoir l'éducation physique scolaire elle-même. Dans les cours, nous avons cherché à atténuer l'écart entre les conceptions du corps et de l'esprit, à dialoguer avec des savoirs, des savoirs, des cultures, des savoir-faire moins eurocentriques, en nous rapprochant des cultures et des modes de vie africains et afro-brésiliens.

Mots-clés: Capoeira. Aquilombament. Éducation physique scolaire. Décolonialité. Interculturalité.

O território de quilombo no universo simbólico: aquilombamento inicial

Historicizar o conceito de raça, de modo a evidenciar a racialização da sociedade brasileira (MUNANGA, 1999) – que tanto constitui a identidade (HALL, 2006) do sujeito negro, como também a do sujeito lido como branco – trata-se de uma possibilidade apontada por Beatriz Nascimento (2006a; 2006b; 2018) de releitura e reinterpretação de histórias que vêm sendo fundamentadas exclusivamente em perspectivas euro e etnocêntricas. Tais balizas colocam na centralidade das discussões a ideia de que o colonialismo provocou tão somente a desagregação do(a) negro(a) como ser humano, cultura e sociedade, deixando de lado os processos de aglutinação e liberdade que, por exemplo, o quilombo representa, tanto como território quanto como universo simbólico.

Esse processo é designado por Nascimento (2006a; 2006b; 2018) de “aquilombamento” – dos(as) negros(as) através do seu caráter libertário, bem como impulsionador ideológico na tentativa de afirmação racial e cultural de quem a ele pertence. Brito *et al* (2020, p. 434), ao fazerem uma releitura de Beatriz Nascimento, entendem aquilombamento e o ato de aquilombar-se como “um movimento histórico, político e cultural que resgata e valoriza os saberes ancestrais como possibilidade de entender o presente e construir o futuro”.

Destacamos que, para Nascimento (2006a; 2006b; 2018), o quilombo não existiu e nem existe enquanto uma ideia localizada no passado, mas trata-se de um espaço e tempo de agregação que se reconfigurou e segue se reconfigurando na história da diáspora afro-brasileira, possibilitando a sobrevivência da identidade e das culturas negras (SOUTO, 2020). Nesse movimento, a noção de aquilombamento, conforme Nascimento (2006a; 2006b; 2018), está relacionada a um dispositivo derivado da instituição quilombo, que possibilita a continuidade do ato de aquilombar como estratégia de resistência e coletividade. Além disso, designa experiências de organização e intervenção social protagonizadas pela população negra na atualidade.

Por outro lado, a herança histórica de liberdade e aglutinação da população negra incomodou (e ainda incomoda) a ordem proposta desde a colonização que persiste com os processos de colonialidade na modernidade (NASCIMENTO, 2018). Segundo Maldonado-Torres (2018), esses processos de colonialidade geram multiplicidades de formas de subalternização em prol da idealização de um modelo único e válido de ser, estar, saber, viver e existir no mundo. Este padrão desconsidera as condições ontológico-existências dos povos colonizados pela modernidade ocidental, bem como suas experiências críticas e políticas que estão enraizadas nas suas lutas e práxis (WALSH, 2019).

Na escola, a colonialidade está presente de várias formas, como exemplifica Peréz Gómez (2000, p. 14) ao afirmar que a função da escola é desenvolver o processo de socialização das novas gerações, mas estabelece-se enquanto um espaço conservador “para garantir a reprodução social e cultural como requisito para a sobrevivência mesma da sociedade”. Torres Santomé (2013) e Silva (2020b) sinalizam as implicações dos processos de colonialidade na escola, apresentando o que chamam de “currículo homogeneizante” como uma delas.

Esse currículo é caracterizado por ser centrado na homogeneização dos sujeitos, vislumbrando a constituição de um sujeito ideal e, geralmente, padronizado. De tal modo sucede o silenciamento de outras possibilidades de identidades (TORRES SANTOMÉ, 2013; SILVA, 2020b). Tanto é assim que pouco se fala e se percebe abordagens que tratam de heranças históricas de liberdade e aglutinação da população negra nas escolas, seja por comodismo, medo ou racismo. Nascimento (2006b) chama atenção que assim se perpetuam teorias sem relação alguma com a realidade racial e, de forma mais grave, são construídas teorias mistificadoras totalmente distantes dessa mesma realidade.

Na tentativa de uma práxis na Educação Física escolar balizada por um giro epistemológico, isto é, o deslocamento do olhar, pensar e agir comprometidos com o legado ancestral africano e negro-brasileiro por meio de experiências intelectuais, corpóreas, sensoriais e de espiritualidade (NOGUEIRA; SOUZA, 2022), adotamos as já referidas noções de quilombo e aquilombamento (Nascimento, 2006a; 2006b; 2018). Estas noções teóricas alicerçaram o tema da Capoeira nas aulas de Educação Física com a turma de sexto ano do ensino fundamental. O intuito foi de experienciar outras formas de conceber e relacionar categorias como sujeito-objeto, pensamento e linguagem, realidade e linguagem, corpo e alma, indivíduo e sociedade.

A experiência com a Capoeira foi possibilitada pela pesquisa-ação participante (LANETTE, 2022) – aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa Científica – realizada no percurso do curso de mestrado da primeira autora, durante o ano letivo de 2023, que intencionou compreender as afetações decorrentes do desenvolvimento de aulas de Educação Física sustentadas por uma proposta pedagógica decolonial e intercultural (WALSH, 2019). Para esta autora, a educação inspirada na decolonialidade e na interculturalidade propõe problematizar, especialmente, raça e gênero como categorias estruturantes dos sistemas educativos promovidos pelo Estado e organizadoras de práticas e de conteúdos naturalizados no contexto escolar brasileiro. Aponta como caminho para as mudanças o desenvolvimento de uma práxis com princípios que questionem as bases monolíticas, as práticas e os referenciais eurocêntricos que vêm constituindo o campo educacional na modernidade de modo hierarquizante, para definir o que conta (ou não) como conhecimento válido, viável e possível (WALSH, 2019).

Este estudo, portanto, por meio da pesquisa narrativa (CLANDININ; CONNELLY, 2011) como caminho teórico-metodológico, tem o objetivo de analisar a experiência com a prática cultural da Capoeira nas aulas de Educação Física realizadas com uma turma de sexto ano do ensino fundamental de uma escola da rede pública de Porto Alegre/RS. A experiência busca possibilitar aos estudantes e à professora atravessarem os conceitos de raça (MUNANGA,

1999) e identidade (HALL, 2006) por meio do princípio africano “Sankofa”¹ (SOUTO, 2020). Ou seja, acessarem um legado fundado no início da experiência diaspórica, neste caso a Capoeira, adaptá-lo às condições do presente e, com isso, criar possibilidades de reconhecer a pluralidade tanto como um modo de compreender a si mesmo(a), os(as) outros(as) e os mundos quanto como uma forma de interagir, aprender e ensinar na escola (SOUTO, 2020).

Percurso Investigativo

A pesquisa-ação participante vem se preocupando com a agenda de uma proposta pedagógico-política decolonial e intercultural também no âmbito da Educação Física. E, nas aulas de Educação Física, entendemos que os conteúdos relativos à Capoeira oportunizariam a problematização das noções de raça e identidades e de como os corpos políticos podem experimentar a noção de aquilombamento no espaço-tempo escolar, que é um território marcado por processos de colonialidade.

A preocupação com a agenda pedagógico-política decolonial e intercultural nos aproximou do entendimento de pesquisa-ação participante proposto por Lanette (2022). Esta autora considera esse modo de investigação enquanto um compromisso com a ação participativa, no sentido de valorização dos diferentes saberes-fazer de quem compartilha a pesquisa, neste caso, especialmente a professora-pesquisadora e os(as) estudantes da turma do sexto ano do ensino fundamental. O envolvimento com os modos de vivenciar participação e agência e suas implicações na prática para a coletividade envolvida são indispensáveis para a reflexão sobre posicionamentos, privilégios, segurança cultural e dinâmica de poder. Registra-se que entendemos que essas dinâmicas não são algo dado, tampouco incorporado pelas pessoas envolvidas na pesquisa (LANETTE, 2022).

Com relação à pesquisa narrativa enquanto método de produção de informações, compartilhamos da noção de Clandinin e Connelly (2011), autores que compreendem o estudo da experiência como história. Esta, pode tanto ser desenvolvida pelo contar como pelo vivenciar, no entrecruzamento com a formação e a escola enquanto espaços e tempos de (re)construção dos saberes e conhecimentos. No caso desta pesquisa, os saberes e conhecimentos estão implicados e atravessados pela/na experiência do componente curricular de Educação Física, mais especificamente, nas aulas de Capoeira. Ou seja, a pesquisa narrativa neste estudo nos permitiu o tempo todo a construção da nossa realidade mediada pela linguagem, não só a falada, mas a vivida nas suas diferentes manifestações (CLANDININ; CONNELLY, 2011).

Este estudo está inserido no contexto de uma pesquisa-ação participante, que foi realizada com uma turma do sexto ano do ensino fundamental de uma escola da rede pública de Porto Alegre/RS durante o ano letivo de 2023, entre os dias 23 de fevereiro e 21 de dezembro do

¹ A palavra Sankofa vem da língua “twi” ou “axante”. Logo, “san” significa retornar, “ko” significa ir, e “fa” remete a buscar. Assim sendo, pode ser traduzida como “retorno ao passado, no sentido de (re)conhecer e buscar a herança cultural dos antepassados/ancestrais, para seguir e desenvolver um presente e futuro melhor, no sentido de tentar não cometer os mesmos erros, à exemplo da discriminação racial.

referido ano. Esta turma tinha dois períodos de Educação Física semanalmente, sendo cada um com cinquenta minutos de aula. As aulas de Capoeira aconteceram nesses períodos e foram inspiradas na proposta de Silva (2020a). Totalizaram-se sete aulas de Capoeira, pensadas a partir de eixos temáticos, realizadas, respectivamente, nos seguintes dias, conforme o Quadro 1.

Quadro 1: Organização das aulas de Capoeira

Aula 1 (dia 10/10/2023)	Primeiras aproximações com a Capoeira
Aula 2 (dia 17/10/2023)	África e Interculturalidade
Aula 3 (dia 24/10/2023)	Vivência com o Mestre Grande
Aula 4 (dia 26/10/2023)	África, Brasil e Interculturalidade: Navio Negreiro
Aula 5 (dia 31/10/2023)	Brasil e Interculturalidade: Capoeira, Luta e Libertação
Aula 6 (dia 07/11/2023)	Brasil e Interculturalidade: Senzala e o trabalho do(a) escravizado(a) + A fuga para os Quilombos
Aula 7 (dia 09/11/2023)	Capoeira: O que sabemos? Como ela nos tocou? Como ela faz parte da nossa história?

Fonte: Autores(as)

Ressaltamos que a aula 3 de Capoeira contou com a presença de um mestre de Capoeira Regional – Mestre Grande – que dialogou com a turma sobre a Capoeira a partir das suas perspectivas e compreensões sobre a prática e cultura corporal afro-brasileira, bem como propôs algumas vivências² que serão analisadas e discutidas em outro artigo.

As descrições deste estudo foram produzidas, sobretudo, a partir das experiências da primeira autora na pesquisa-ação participante com a turma do sexto ano do ensino fundamental, registradas em Notas de Campo (BOGDAN; BIKLEN, 1994) entre os dias 10 de outubro e 09 de novembro de 2023. Também, foram utilizadas as produções dos(as) estudantes (TAVARES, 2021), tanto aquelas registradas nos seus respectivos Cadernos de Educação Física, nos quais manifestaram por escrito e/ou por desenho suas percepções, sentimentos e aprendizagens das (e durante as) aulas de Educação Física, quanto na escrita dos “Quadros de Palavras”, material elaborado no final de cada aula com anotações acerca dos significados e representações atribuídos as aulas de Capoeira. Ao final da pesquisa totalizou-se a produção de cinco “Quadros de Palavras” pelos(as) estudantes. Os resultados da análise do material produzido são apresentados no tópico que segue.

Gingas, mandingas, ritmos, musicalidades e cultura afro-brasileira nas aulas

² O Mestre Grande fez uma roda de conversa com os(as) estudantes, falando da Capoeira enquanto uma manifestação cultural que envolve atenção, memorização, percepção e pensamento (VIGOTSKY, 2007). Após a conversa inicial, propôs que os(as) estudantes experenciassem a Capoeira realizando um jogo com uma dupla. Ao final da aula, realizou uma roda de Capoeira e foi convidando aluno(a) por aluno(a) para jogar com ele.

As aulas de Capoeira foram organizadas de modo que pudéssemos atravessar uma parte da nossa história, especialmente a do povo negro, através da Capoeira, contada e vivenciada pelos nossos corpos, por meio de vivências e conversas sobre a cultura afro-brasileira, com gingas, mandingas, ritmos e musicalidades. Em todas as aulas houve momentos em que os(as) estudantes aprenderam movimentos básicos da Capoeira, como a ginga, as esquivas e alguns chutes/golpes. Também, ao final de todas as aulas, fazíamos um encerramento com uma roda de Capoeira e produção partilhada de um “Quadro de Palavras” sobre as ressonâncias das aulas, sendo que cada um deles tinha como ponto de partida uma pergunta suleadora.

A primeira aula de Capoeira, realizada no dia 10/10/2023, cujo tema foi “Primeiras aproximações com a Capoeira”, teve o objetivo de aproximar os(as) estudantes da prática e cultura corporal afro-brasileira. Nesse dia, de maneira excepcional, a professora de Educação Física assumiu a turma durante toda a manhã, e não apenas no seu período de 50 minutos de aula. Isso foi possível porque a professora de Ciências, que tinha a maioria dos períodos naquele dia estava em um passeio acompanhando outra turma dos anos finais do ensino fundamental.

Ainda que este estudo não esteja fundamentado na Pedagogia Griô³, a professora utilizou nas suas aulas elementos dessa pedagogia, à exemplo do encantamento e dos “convites afetuosos” como caminhos possíveis para se chegar ao diálogo e, por meio dele, realizar o processo de elaboração do conhecimento (PACHECO, 2006). Tendo em vista a intencionalidade de trazer o encantamento para a primeira aula de Capoeira, a professora organizou um espaço no chão do pátio da escola com artefatos/materiais que pudessem despertar a curiosidade e o interesse dos(as) estudantes. Os materiais foram os seguintes: instrumentos de Capoeira (atabaque, berimbau, pandeiro, caxixi); um livro com músicas de Capoeira organizado pela professora; o livro intitulado “Capoeira em Porto Alegre na década de 1970: os mestres, o início e o processo de desenvolvimento” (MESTRE GUTO *et al*, 2023); uma caixa expositora⁴ contendo fotografias (em tamanho de folha A3) dos(as) mestres de capoeira (Mestre Bimba, Mestre Pastinha, Mestra Jana e Mestra Elma), confeccionada pela professora; pedaços de papel e canetas hidrocores coloridas para os(as) estudantes escreverem suas noções iniciais sobre a Capoeira. Estes materiais foram utilizados como um convite para que os(as) estudantes se aproximassem da prática e cultura corporal afro-brasileira da Capoeira.

³ A Pedagogia Griô, segundo Pacheco (2006), é uma pedagogia da vivência afetiva e cultural que busca facilitar o diálogo entre idades, grupo étnicos e escola-comunidade, preocupa-se com o fortalecimento das identidades dos estudantes, por meio do encantamento, sentimento de pertencimento, resignificação da história através de vivências, espaços de criação coletiva, encontros temáticos, rodas de prosa, contação de histórias de vida e entre outros elementos.

⁴ A professora narrou que essa foi uma ideia que aprendeu por meio do documentário “SANKOFA: ancestralidade guia meus pensamentos”, produzido pelo curso de Formação para Professores para Práticas Escolares Interculturais (SANKOFA, 2023) e outras parcerias. O documentário é uma ferramenta do Projeto de Ensino “Educação para as Relações Étnico Raciais: Decolonialidade e Interculturalidade” do curso de formação continuada, realizado no ano de 2022 pelo grupo de pesquisa “Grupo de Estudos Qualitativos Formação de Professores e Prática Pedagógica em Educação Física e Ciências do Esporte” (F3P-EFICE) da ESEFID/UFRGS, em parceria com a Associação Ubuntu Ukama de Viamão/RS e com o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) *Campus Alvorada/RS*.

À medida que os(as) estudantes foram circulando no espaço, folheando as páginas dos livros, tocando nos instrumentos e perguntando o nome de alguns que não conheciam, observando a caixa com fotografias dos(as) mestres/as de Capoeira, conversando e fazendo comentários sobre o que estava ali disposto, a professora convidou todos(as) a sentarem ao redor dos materiais, formando um círculo. Em seguida, convidou-os(as) a escreverem nos papéis que estavam no chão o que significava para eles(as) o termo Capoeira, empregando apenas uma palavra. A maioria dos(as) estudantes escreveu “luta” e “dança” e alguns(as) escreveram “música”.

Figura 1: Atividade de escrita sobre “o que significa Capoeira para os(as) alunos(as)”



Fonte: Alunos(as) e professora

Na sequência, a professora começou a tocar berimbau e cantar a música intitulada “É da nossa cor”⁵, do Mestre Matias (2024). Ao mesmo tempo em que cantava, convidou os(as) estudantes a baterem palmas no ritmo da música e a cantarem junto com ela o trecho “é da nossa cor”. O ritmo e a música “É da nossa cor” pareciam estar envolvendo e aproximando os(as) estudantes para o universo da Capoeira, tanto que quando a professora parou de tocar e cantar a música, os(as) estudantes pediram que ela continuasse.

Uma vez que nesse dia tínhamos bastante tempo de aula, compartilhamos o momento de forma fluida, sem apressar as atividades, para que os(as) estudantes pudessem aproveitar o que estava sendo proposto. Cantamos, tocamos, experimentamos instrumentos e, inclusive, movimentamos o corpo com a mandinga e a ginga de Capoeira, sem informações específicas de como se faz um ou outro movimento, mas procurando sentir o corpo e deixar ele ser

⁵ Letra da Música: “Aue aue aue-e lele lelele lelele / Aue aue aue-e lele lelele lelele / Tá no sangue e na raça Brasileira, Capoeira / É da nossa cor / O berimbau / É da nossa cor / O pandeiro / É da nossa cor / O atabaque / É da nossa cor / O reco-reco / É da nossa cor / O agogô / É da nossa cor / Aue aue aue-e lele lelele lelele / Aue aue aue-e lele lelele lelele / Tá no sangue e na raça Brasileira, Capoeira / É da nossa cor / O Mestre Bimba / É da nossa cor / O Mestre Pastinha / É da nossa cor”.

conduzido pela música. A professora e um dos estudantes, ambos capoeiristas⁶, se posicionaram no centro da roda permitindo que os(as) estudantes observassem seus movimentos.

Luiz Rufino (2017), na sua tese de doutorado *Exu e a pedagogia das encruzilhadas*, sustenta que a noção de mandinga, assim como o tocar tambor, a esquiva, o sambar miudinho e entre outras corporalidades, são “formas de saberes assentes nos domínios e potências de Exu”, ou seja, vinculadas aos saberes corporais que chama de “envoltos a atmosferas mágicas, únicas e intransferíveis” (RUFINO, 2017, p. 200). Na primeira aula de Capoeira, ao gingarmos e mandingarmos, foi possível observar que já estávamos sentindo e percebendo acontecer essa potência e atmosfera mágica mencionada por Rufino (2017). Durante a roda de Capoeira os movimentos foram fluindo com os e nos nossos corpos, e corroboramos que “a mandinga lida como sapiência do corpo é aquele tipo de saber que não pode ser traduzido por outra textualidade que não sejam pertinentes aos limites do próprio corpo” (RUFINO, 2017, p. 200-201).

Embora notou-se o encantamento durante as aulas de Capoeira, a professora enfrentou uma série de resistências por parte de estudantes. Em suas manifestações, alegaram não gostar de Capoeira e mostraram pouco interesse pelo diálogo sobre as heranças culturais africanas e a cultura afro-brasileira, bem como pelas histórias dos Mestres e Mestras de Capoeira e a história da Capoeira. Ademais, acreditavam que a Capoeira não pertencia à Educação Física, preferindo jogar bola a participar das aulas propostas pela professora.

Ao refletir sobre as resistências dos(as) estudantes, ponderamos que, para muitas pessoas, acessar e lidar com certos assuntos, em especial os relacionados aos processos identitários envolvendo a racialização, se apresenta como algo bastante complexo. A recepção de conhecimentos é um processo que não acontece de forma linear e algumas questões podem gerar gatilhos de dor e sofrimento em muita gente (hooks, 2017). Os atravessamentos da raça nos permitem compartilhar experiências semelhantes, sobretudo, a da dor. Dialogar sobre raça remete a um lugar de dor, raiva, tristeza e, notadamente, no caso de pessoas negras. Muitas memórias podem emergir, tensionando nossas reflexões teóricas e práticas sobre as possibilidades de coexistir na luta antirracista como revela hooks (2017) em seu livro *Ensinando a transgredir*:

Cheguei à teoria porque estava machucada — a dor dentro de mim era tão intensa que eu não conseguia continuar vivendo. Cheguei à teoria desamparada, querendo compreender — apreender o que estava acontecendo ao redor e dentro de mim. Mais importante, queria fazer a dor ir embora. Vi na teoria, na época, um local de cura (hooks, 2017, p. 83).

⁶ A professora narrou que quando era criança, entre os 11 e 13 anos de idade, fez Capoeira no contraturno da escola, e retomou a prática recentemente, principalmente devido aos estudos no curso de mestrado. O estudante também narrou que praticava a Capoeira fora da escola, porém ficou afastado durante o ano de 2023. Manifestou vontade de retomar a prática porque, segundo ele, lhe fazia muito bem (Notas de Campo, Aula 1 de Capoeira, 10/10/2023).

Posto isto, nos estudos feministas, bell hooks⁷ (2017) nos ensina a teorizar a partir das experiências de vida. “Não há ninguém entre nós que não sentiu a dor do sexismo e da opressão sexista, a angústia que a dominação masculina pode criar na vida cotidiana, a infelicidade e o sofrimento profundos e inesgotáveis” (hooks, 2017, p. 105), acrescentamos à colocação da autora — não há ninguém entre nós que não sentiu a dor do racismo. Por esse motivo, consideramos fundamental dialogar com e sobre esses assuntos nas aulas de Educação Física, sem fazer monólogos ou pretendendo dar certezas. Nas aulas buscamos colocar em questão e trazer dúvidas sobre o que tínhamos e trazíamos como certeza sobre as relações étnico-raciais, respeitando os nossos tempos de acolhimento para cada temática que foi colocada em debate na sequência das sete aulas de Capoeira.

Por meio da análise do material de pesquisa, percebemos que as noções de Educação Física dos(as) alunos(as) se aproximavam daquelas manifestadas pelos(as) estudantes da pesquisa de Bins (2020), a partir de uma ideia de Educação Física esportivizada e recreativa, pouco relacionada aos aspectos psíquicos, sociais, emocionais e relacionais, representando “uma ideia do colonialismo que é imposto à educação física” (BINS, 2020, p. 132), por meio de uma perspectiva monocultural. Nesse movimento, apesar de acreditarmos que apresentar outros saberes nas aulas de Educação Física seja indispensável enquanto uma práxis decolonial e intercultural, em muitos momentos tivemos que fazer negociações com os(as) estudantes para que pudéssemos seguir com as aulas de Capoeira. Esta situação já ocorreu no primeiro dia de aula, sendo então acordado que entre uma atividade e outra seria destinado um tempo de escolha autônoma de atividades, com duração aproximada de 20 minutos.

Após o tempo de escolha autônoma de atividades, assistimos o filme brasileiro *Besouro* (BESOURO, 2009), o qual conta a vida do capoeirista brasileiro Ailton Carmo, conhecido como Besouro Mangangá, na década de 1920. A este personagem eram atribuídos feitos heroicos e lendários – um menino que, ao se identificar com o inseto que desafia as leis da física, afronta as leis do preconceito e da opressão, transformando-se num herói ao final do filme. Em seguida os(as) estudantes foram provocados pela professora a falar sobre as suas impressões acerca do filme e estabelecer relações com a Capoeira, para além dos termos escritos no início da aula: “luta”, “dança” e “música”.

Nesse momento, um estudante falou: “sora, a Capoeira no filme apareceu muito como defesa pessoal, uma luta mesmo, que os negros tinham para se defender dos brancos”. Outra estudante respondeu: “concordo, mas também parece que lutavam para proteger tudo deles né, tipo não só o corpo, mas tudo” (Notas de Campo, Aula 1 de Capoeira, 10/10/2023). Diante desse diálogo, conversamos sobre a Capoeira vista enquanto uma luta afro-brasileira de resistência e liberdade da população negra contra o sistema escravista que oprimia e, mesmo após o período de escravização, seguiu, por muito tempo, sendo proibida e marginalizada no Brasil (NORONHA; PINTO, 2004).

Para Reis (1997), a construção da legitimidade da Capoeira tem relação direta com a construção social da população negra no Brasil. Assim sendo, “o significado social dessa prática cultural

⁷ Escrevemos o nome “bell hooks” grafado em letras minúsculas, respeitando o posicionamento político da autora de recusa egóica intelectual. hooks desejava que prestássemos mais atenção em suas obras do que em sua pessoa.

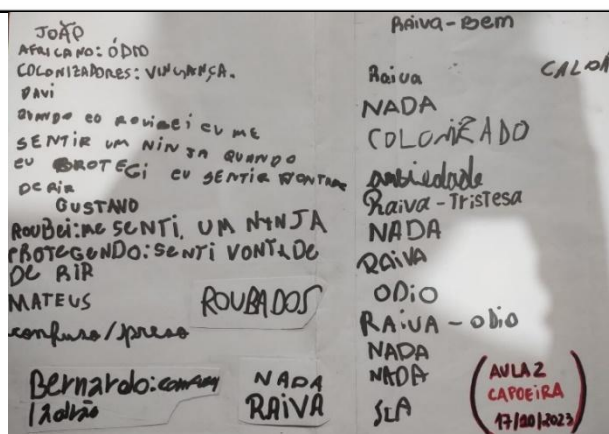
negra se transmuta e atualiza conforme operam mudanças em relação às formas de percepção e inserção do negro na sociedade mais ampla” (REIS, 1997, p. 244). A contextualização das diferentes fases da história da capoeira no Brasil fez parte do diálogo com os(as) estudantes, também suleadas por Brustolin e Rêgo (2017):

Surgida nas senzalas e nos quilombos a capoeira faz parte da memória de lutas e da história do povo negro pela busca por liberdade e proteção dos territórios, estando ligada aos processos de aquilombamentos. Dessa maneira, é importante compreendermos a capoeira em seus diversos aspectos de forma a enxergá-la como uma prática corpórea que agrega dimensões sociais e culturais importantes na trajetória de libertação (BRUSTOLIN; RÊGO, 2017, p. 167).

A segunda aula de Capoeira (dia 17/10/202: “África e Interculturalidade”) foi planejada para que pudéssemos construir conhecimentos sobre a África que fosse em direção contrária das noções estereotipadas sobre o continente e a cultura africana. O continente africano muitas vezes é narrado de diferentes contextos como um lugar imaginado, seja como algo de pureza e natureza, compondo um universo quase que “misterioso e mágico”, seja como um lugar de seca, fome, subalternização, pobreza” (SILVA, 2008). Estas representações culturais sobre a África já tinham sido mencionadas pelos(as) estudantes no início do ano letivo, quando foram ministrados conteúdos sobre brincadeiras e jogos de matrizes indígena e africana.

A fim de problematizar o assunto da aula “África e Interculturalidade” realizamos o que nomeamos de “Vivência Jogo das Riquezas”, cuja finalidade era retirar as riquezas de alguém, simbolizando o saqueamento das riquezas do continente africano no passado e até os dias de hoje. O jogo foi realizado com balões de diferentes cores, em que o amarelo simbolizou o ouro, a cor verde representou a vegetação, a cor vermelha os animais, e os balões pretos, a população negra. Formando um círculo de mãos dadas, representando algum país de África (escolhido pelos(as) estudantes), um grupo de pessoas tinha que proteger as suas riquezas (todas as cores de balões) dos(as) demais que representavam os(as) colonizadores(as). No decorrer da vivência fizemos pausas, tanto para trocar os papéis dos(as) estudantes e encher mais balões, como para dialogar sobre a diversidade cultural do continente africano a partir das seguintes perguntas suleadoras: “Vocês sabem nomes de países da África? Quais? Quais países invadiram a África? A qual continente eles pertencem? Vocês sabem o que é saquear? Como estão se sentindo em cada um dos papéis exercidos?”. Ao final da aula foi realizada uma roda de Capoeira e, após, seguimos na roda partilhando as sensações sobre a aula, bem como produzindo o primeiro “Quadro de Palavras”, suleado pela pergunta: “Como me senti sendo saqueado(a)? E sendo saqueador/a?”.

Figura 2: Quadro de Palavras 1 (“Como me senti sendo saqueado(a)? E sendo saqueador/a?”)



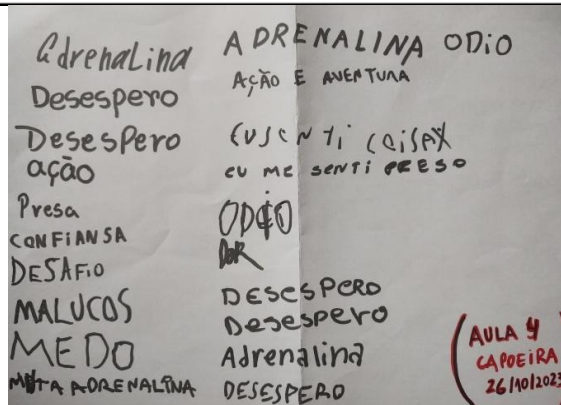
Fonte: Estudantes e professora

Percebemos que alguns(as) estudantes não estavam com vontade de realizar a atividade, o que ficou evidente nas escritas, a exemplo das manifestações “nada” e “sei lá”. Também notamos que os(as) estudantes estavam com dificuldades, tanto para acessar quanto para expressar, em palavras, o que sentiram no momento da “Vivência Jogo das Riquezas”. Esta situação sugere que, talvez, na escola, o diálogo não seja estimulado, ou seja, não haja esforços para fazer com que o(a) estudante identifique, reconheça, lide e reflita sobre os seus sentimentos e emoções.

Após termos nos aproximado da cultura africana e de como a colonização chegou em África, bem como conversado, na aula com o Mestre Grande (terceira aula no dia 24/10/2023: “Vivência com o Mestre Grande), sobre os diferentes estilos e linguagens da Capoeira – Angola e Regional –, que Batalha (2022) aborda como e a partir de construções estéticas afro-diaspóricas, na quarta aula (dia 26/10/2023: “África, Brasil e Interculturalidade: Navio Negreiro”), fizemos o nosso primeiro diálogo entre África e Brasil, a partir da “Vivência Navio Negreiro”. A primeira atividade foi o desafio de caminhar pela escola da seguinte forma: a turma inteira, formando uma fila, com todos(as) estudantes de mãos dadas deveriam percorrer um trajeto que consistia passar por salas de aula, subir e descer escadas, andar pelo pátio até chegar no destino final, sem soltar as mãos.

Após o desafio os(as) estudantes olharam fotos de navios negreiros que estavam espalhadas no pátio da escola e foram separados(as) em pequenos grupos para conversar sobre como se sentiram na vivência. Logo, começaram a pesquisar nos seus celulares (com a internet roteada pela professora) sobre as travessias de pessoas escravizadas em navios negreiros. Finalizadas as atividades, fizemos uma roda para partilharmos o que tínhamos sentido, bem como os achados das pesquisas, no grande grupo. Nesse momento, também produzimos o segundo “Quadro de Palavras” sobre o que tínhamos experienciado naquele dia a partir da seguinte questão: “Como me senti na experiência de mãos dadas? Como seria estar em um navio negreiro? Que sensação é essa?”.

Figura 3: Quadro de Palavras 2 (“Como me senti na experiência de mãos dadas? Como seria estar em um navio negreiro? Que sensação é essa?”)



Fonte: Estudantes e professora

Ao conversarmos sobre a vivência do navio negreiro, um estudante associou o navio negreiro ao ônibus que ele usa todo dia para ir à escola: “sora, eu sei que parecia milhões de vezes pior, as fotos que a gente viu mostram isso, mas agora tava aqui pensando, todo dia que venho de ônibus pra escola me sinto num navio negreiro, lotadão, sem espaço nem pra se mexer”. Uma colega respondeu: “bah, muito verdade, acho que o que escrevi ali no quadro de palavras, ‘desespero’, às vezes, é a mesma sensação no bus quando tá lotadão” (Notas de Campo, Aula 4 de Capoeira, 26/10/2023). Percebemos que nesse dia os(as) estudantes estavam mais participativos(as) e conseguindo se expressar mais, inclusive fazendo associações com as suas realidades e verbalizando como se sentem nos espaços que ocupam.

A quinta aula (dia 31/10/2023: “Brasil e Interculturalidade: Capoeira, Luta e Libertação”), foi planejada para que os(as) estudantes pudessem experimentar tocar os instrumentos de Capoeira, bem como para que pudessem dialogar sobre a Capoeira enquanto uma luta de e para a libertação a partir de letras de músicas de Capoeira selecionadas pela professora, sendo uma delas criada pela própria professora.

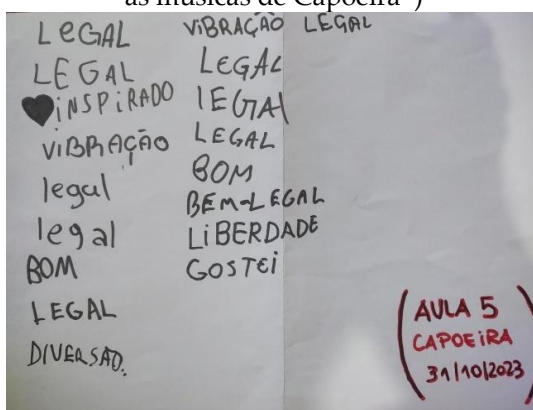
No primeiro momento da aula, um estudante da turma, que é capoeirista, foi auxiliando colegas que estavam interessados em aprender a tocar berimbau. Enquanto isso, pequenos grupos foram se formando ao redor dos outros instrumentos – atabaque, pandeiro e caxixi. Então, a professora foi passando pelos grupos e auxiliando-os nas batidas, toques e ritmos de cada instrumento. No transcorrer do tempo os toques dos instrumentos começaram a se conectar e a professora convidou uma estudante para fazer um jogo de Capoeira, o que despertou desejo em mais estudantes para se movimentarem e, assim, mais jogos de Capoeira foram acontecendo na aula. A professora, então, cantou a música por ela criada:

Na roda de capoeira, tem muito calor humano; Vem da ginga de quem joga, e dos cantos de quem canta; Também vem do som das palmas, do berimbau e do atabaque; E dos gritos de um povo, que foi por muito tempo escravizado; E essa é a nossa história, de muita luta e resistência; E tudo isso em uma roda, aquece o corpo e a alma (Notas de Campo, 31/10/2023).

A partir dessa música, dialogamos sobre a luta e a resistência como uma ação pela libertação através da Capoeira, tanto dos(as) nossos(as) ancestrais, pela liberdade física dos cativos aos quais eram submetidos(as) durante a escravização, quanto na atualidade, como uma “ação transformadora de pertencimento e reforço identitário” (LESSA; GOMES, 2023, p. 76). Motivos pelos quais a ancestralidade para nós é muito cara, no sentido de cuidar e lembrar do passado para que ele se vivifique e se atualize, para que a nossa história não seja propositalmente perdida, muito menos que o projeto colonial continue tentando apagá-la. A Capoeira, hoje, ao contar histórias através das músicas, ritmos, sons e corporalidades, recorda Mestres(as), estilos, saberes e culturas (FERNANDES, 2023).

Interessante foi que no “Quadro de Palavras” produzido ao final da quinta aula de Capoeira, suleado pela pergunta “Como me senti tocando os instrumentos? Como me senti escutando as músicas de Capoeira?”, os(as) estudantes manifestaram, de certo modo, essa sensação de liberdade, ao escreverem que se sentiram inspirados(as), que gostaram da aula, que se divertiram e que sentiram vibração.

Figura 4: Quadro de Palavras 3 (“Como me senti tocando os instrumentos? Como me senti escutando as músicas de Capoeira”)



Fonte: Estudantes e professora

A sexta aula (dia 07/11/2023: “Brasil e Interculturalidade: Senzala e o trabalho do(a) escravizado(a) + A fuga para os Quilombos”) teve o objetivo de fazer um diálogo entre senzala, quilombo e aquilombamento. Para tanto, foram realizadas duas vivências – “Fuga da senzala para o quilombo” e “Fuga entre quilombos e aquilombamentos” – que se aproximavam da brincadeira popular Pega-pegas. Sem explicar o significado/conceito de cada um destes termos – “senzala, quilombo e aquilombamento” –, a professora começou dando informações sobre a primeira vivência, chamada de “Fuga da senzala para o quilombo”. Nessa vivência, de um lado do pátio estaria localizada a senzala, do outro lado, o quilombo e, na quadra pintada de verde (entre os dois lados do pátio), estaria o espaço destinado, tanto para a travessia de pessoas da senzala para o quilombo, quanto onde ficariam dois(duas) capitães(ãs)-do mato, que deveriam tentar pegar os(as) escravizados(as) que tentassem fugir da senzala em direção ao quilombo.

Durante a explicação, uma estudante questionou o que eram senzalas e quilombos. A partir dessa pergunta, dialogamos sobre a senzala como alojamentos localizados dentro das terras dos grandes proprietários, em que as pessoas escravizadas eram aprisionadas no Brasil durante o regime escravocrata, e quilombo como sendo um estabelecimento, inicialmente instituído no Brasil na época da escravização, formado por pessoas negras escravizadas fugidas, paralelo ao sistema dominante. Ademais, debatemos que, na atualidade, os quilombos seguem existindo como resistência aos modos de vida da colonialidade e como fortalecimento e manutenção dos modos de vida e cultura da população quilombola (SOUTO, 2020), o que Nascimento (2006a; 2006b; 2018) chama de movimento de “aquilombamento”. Conversamos sobre o ato de aquilombar, que além de ser uma estratégia coletiva de resistência, também se constitui em uma forma de organização social, com outros costumes, hábitos e acordos diferentes da lógica moderna/colonial (BRITO *et al*, 2020), cujo sujeito considerado “normal”/hegemônico é o homem branco, cis, heteronormativo e cristão.

A segunda vivência, “Fuga entre quilombos e aquilombamentos”, apesar de ser bastante parecida com a primeira, tinha o objetivo de os(as) estudantes experimentarem a sensação de proteção e segurança dentro dos quilombos, com a intenção de provocar a reflexão sobre a importância do ato de aquilombamento. Justamente esta foi a razão pela qual, quem estivesse dentro de um quilombo – formado/constituído por um círculo de estudantes de mãos dadas – não poderia ser pego(a) pelos(as) capitães(ãs)-do-mato. Ao final da aula realizamos um jogo na roda de Capoeira, e produzimos o quarto “Quadro de Palavras”, tentando responder a seguinte questão: “Como me senti sendo capitão(ã)-do-mato, quilombo e pessoa escravizada?”, tentando escrever apenas uma palavra para cada uma das colunas (Quilombo, Capitão(ã)-do-mato e Pessoa escravizada).

Figura 4: Quadro de Palavras 4 (“Como me senti sendo capitão(ã)-do-mato, quilombo e pessoa escravizada?”)

QUILOMBO	CAPITÃO(A)-DO-MATO	PESSOA ESCRAVIZADA
LEGAL BEM TOP	CANSADO	CANSADA FELIZ
Diversão	NORMAL	suada
LEGAL	LEGAL	ORRER
BEM Protegido	SLA	Legal
EXAUSTÃO	NORMAL	ESTAFESIDO
CANSADA	CANSADO	FRACO
Bem Top SLA		CANSATIVO
BEM LEGAL	(AULA 6)	CANSADO
PROTEGIDO	CAPOEIRA	com energia
PROTEGIDO	07/11/2023	LEGAL SLA

Fonte: Estudantes e professora

Notamos, ao realizar a leitura do quarto “Quadro de Palavras”, que os(as) estudantes, mais uma vez, tiveram dificuldades de expressar suas sensações ao exercerem cada um dos papéis nas vivências que simbolizavam a escravização no período colonial. Houve casos em que

percebemos a ausência de interesse de estudantes na atividade de escrita, como exemplificado na fala: “ah sora, sério que é de novo esse negócio de escrever? Educação Física é atividade física e exercício. Não essas coisas aí que tu fica dando, isso é das outras matérias” (Notas de Campo, Aula 6 de Capoeira, 07/11/2023). A citada reclamação evidencia o entendimento de Educação Física, criticado por Tavares, Madela e Frasson (2023), como componente curricular que deveria se preocupar somente com a prática corporal, desvinculado de qualquer processo intelectual.

bell hooks (2017) aponta que tendo em vista que a grande maioria dos(as) estudantes aprende por meio de práticas educacionais, as quais entende por tradicionais e conservadoras, afirma que qualquer pedagogia radical precisa ser, de certo modo, insistente nas suas propostas, porque os incômodos e resistências podem (e vão) surgir em vários momentos e vindo de diferentes pessoas e instituições. Bins (2020) também relata a resistência dos(as) estudantes diante de propostas de Educação Física que façam o exercício de romper com a lógica eurocêntrica que coloca em dualidade corpo e mente, evidenciando as dificuldades de uma práxis inspirada na decolonialidade e na interculturalidade. Tavares (2021) sugere que, para manter a proposta da interculturalidade viva nas escolas, é necessário que sejam realizadas ações viáveis, com convicção e a partir de brechas.

Refletindo sobre os apontamentos de hooks (2017), Bins (2020) e Tavares (2021), e fazendo uma retrospectiva das aulas de Capoeira até este momento, destacamos que a quarta aula (“África, Brasil e Interculturalidade: Navio Negreiro”) e a sexta (“Brasil e Interculturalidade: Senzala e o trabalho do(a) escravizado(a) + A fuga para os Quilombos”) não foram escolhas pedagógico-políticas acertadas. Isso porque foram realizadas vivências que representam a época da escravização, tratando a cultura afro-brasileira de modo negativo, a partir da dor e do sofrimento.

É importante destacar que este trabalho foi escrito pela professora de Educação Física – que pensou as propostas de aula de Capoeira e as vivenciou com os(as) estudantes –, seu orientador de mestrado, a orientadora de mestrado da segunda autora, todas pessoas brancas; e sua colega no Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano (PPGCMH) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), mulher negra, professora de Educação Física da rede pública e pesquisadora dos temas de raça e deficiência.

A professora da turma destaca ter trazido de maneira intencional na organização da sequência das sete aulas de Capoeira, com duas delas (quarta e sexta aulas), uma abordagem sobre o período da escravização, que reconhecemos como negativas e inapropriadas. Esperava-se que, na construção do quadro de palavras, provavelmente surgiriam respostas também negativas e inadequadas e, ao final de todas as aulas de Capoeira, estudantes e professora poderiam refletir fazendo um contraponto entre aquilo que sentiram e como foram afetados(as) nas diferentes aulas.

Entendemos que a partilha na escrita possibilitou o seguinte questionamento: “é necessário simular vivências como essas, de dor e sofrimento que remontam ao período da escravização, para que os(as) estudantes reflitam sobre o tema?”. No caso da vivência do Navio Negreiro, por exemplo, embora os(as) estudantes tenham feito uma alusão ao ônibus lotado, sabemos que é inimaginável a experiência de ter estado em um navio negreiro, o que consideramos

totalmente desrespeitoso, razão pela qual sequer poderia ser chamada de “brincadeira”, como inicialmente tinha sido dito pela professora, pois compreendemos ser inadmissível brincadeiras como essas.

Ademais, tinham três estudantes negros(as) na turma, participando das aulas. Nos questionamos: “a professora percebeu o comportamento dos(as) estudantes negros(as)? E o comportamento dos(as) estudantes não negros(as) com relação aos/as estudantes negros(as)? Teve algum desconforto?”. É essencial pensarmos e agirmos a respeito do ocorrido. No intuito de dialogar sobre os saberes, conhecimentos, culturas, saberes-fazer das culturas e modos de vida africana e afro-brasileira, a dinâmica de simular fatos históricos é bastante complexa, especialmente, para pessoas negras que carregam em si uma memória ancestral, que transcende o mundo material. Tais memórias evocadas reverberam, muitas vezes, de maneiras difíceis de compreender. As dinâmicas (quarta e sexta aulas) realizadas com os(as) estudantes trouxeram algumas reflexões. No entanto, pressupomos que essas reflexões impactaram os(as) estudantes, sobretudo, os(as) negros(as) de modo que suas identidades e autoestima tenham sido afetadas negativamente.

Nessa direção, Cida Bento (2002) situa a branquitude como um pacto narcísico e opressor. Diante das nossas reflexões sobre a quarta e sexta aulas de Capoeira (planejadas por uma professora branca), seguidas por Cida Bento (2002), consideramos urgente a racialização de pessoas brancas, já que o racismo foi criado e é constantemente fortalecido pela branquitude. O combate ao racismo e as propostas de ações antirracistas, portanto, tratam-se de um compromisso dos(as) agentes/atores/atrizes do mesmo, ou seja, das pessoas brancas. Mais uma vez, portanto, reforçamos que esse tipo de proposta pedagógica deve ser reformulado, fazendo agir outros modos de se aproximar, conhecer, reconhecer e refletir sobre a cultura afro-brasileira nas escolas, neste caso específico, nas aulas de Educação Física.

A sétima e última aula de Capoeira (dia 9/11/2023: “Capoeira: o que sabemos? Como ela nos tocou? Como ela faz parte da nossa história?”), foi planejada para que pudéssemos partilhar nossas percepções, sensações e aprendizagens sobre o conteúdo da Capoeira que foi possível de atravessar no percurso de sete aulas. Para tanto, primeiro a professora convidou os(as) estudantes a realizarem, coletivamente na roda de conversa, uma autoavaliação das suas respectivas participações, bem como uma avaliação, tanto das aulas, como da professora.

Estudantes narraram não ter achado as aulas de Capoeira interessantes, reiterando argumentos já analisados e discutidos neste estudo. Outros(as), disseram ter gostado das aulas, porque aprenderam sobre assuntos que não tinham nenhum conhecimento, tampouco contato, o que ficou evidente na fala de uma estudante: “sora, tu acredita que mesmo eu sendo negra, meu pai também, eu nunca tinha escutado falar em quilombo? Nem sabia o que era. Bem que a gente podia ir em um né? Ou tu trazer uma pessoa quilombola, assim como tu trouxe o Mestre de Capoeira” (Notas de Campo, Aula 7 de Capoeira, 09/11/2023). A narrativa dessa estudante fez a professora refletir sobre um dos questionamentos feitos por uma das pessoas que compuseram a sua banca no exame de qualificação do projeto de dissertação que, ao recordar a temática que a mesma tinha tratado no seu Trabalho de Conclusão de Curso do curso de graduação em Licenciatura em Educação Física, perguntou se a professora tinha

pensado em possibilidades de superação física dos muros da escola para o seu trabalho de campo do mestrado.

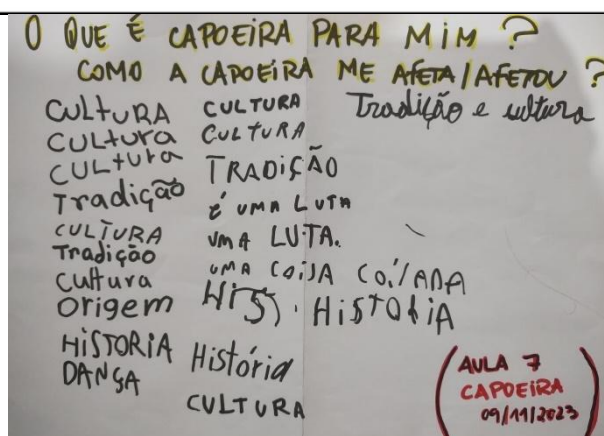
Tavares (2021) sugere que a superação do entendimento acerca dos limites e espaços à formação de sujeitos(as) parece “permitir que os estudantes ampliem seus conhecimentos e interesses, pois muitas vezes suas rotinas estão restritas à circulação no próprio bairro onde residem, então, ao acessarem outros espaços, suas possibilidades e projetos podem se expandir” (TAVARES, 2021, p. 94), o que, também deve ser levado em consideração em um projeto pedagógico-político inspirado na interculturalidade.

Em Notas de Campo (09/11/2023), ao anotar não ter realizado nenhuma saída de campo com a turma, a professora reconhece, tanto alguns limites impostos pela direção da escola, que em diversos momentos evidenciou um posicionamento contrário a saídas de campo da turma do sexto ano, com a justificativa de que os(as) estudantes “não se comportavam dentro da escola, quem dirá fora”, quanto suas próprias limitações e dificuldades de práxis inspirada na decolonialidade e na interculturalidade. A professora expõe que muitas vezes se sentia aprisionada em modos de pensar e agir colonialistas.

Segundo Maldonado-Torres (2018), limitações e dificuldades conforme as registradas pela professora têm relação com o fato de sermos sujeitos formados e produzidos por esta colonialidade, mas não apontando isso como uma justificativa para a acomodação, e, sim, como uma necessidade de reconhecermos nas nossas ações, práticas, pensamentos e estruturas aquilo que é produto da lógica da colonialidade como um primeiro passo para que possamos agir sobre ela, para que aí então possamos nos decolonizar. Bins *et al* (2023, p. 2), reconhecem nesse movimento o processo que chamam de “aprender a desaprender, para assim, reaprender de outra forma”.

A produção do quinto e último “Quadro de Palavras” foi suleada pela seguinte questão: “O que é a Capoeira para mim? Como a Capoeira me afeta/afetou?”. Para tanto, a professora organizou o espaço de modo que os(as) estudantes pudessem lembrar o que tinha sido trabalhado nas aulas anteriores e, então, elaborarem as suas respostas no último “Quadro de Palavras”. Em cima da mesa circular na qual todos(as) estavam sentados(as) ao redor, a professora deixou expostos todos os “Quadro de “Palavras” produzidos no decorrer das aulas de Capoeira. Nesse momento, os(as) estudantes observaram suas produções, conversaram sobre o que tinham escrito nos “Quadros de Palavras”, recordaram algumas vivências que mais tinham gostado e fizeram comentários como “que legal que a sora guardou tudo, assim fica mais fácil de lembrar as coisas” (Notas de Campo, Aula 7 de Capoeira, 09/11/2023).

Figura 6: Quadro de Palavras 5 (“O que é a Capoeira para mim? Como a Capoeira me afeta/afetou?”)



Fonte: Estudantes e professora

Além da produção do “Quadro de Palavras”, e mudando um pouco a estratégia de como acessar as aprendizagens dos(as) estudantes, a professora os(as) convidou a escreverem nos seus Cadernos de Educação Física sobre as aulas de Capoeira, respondendo a seguinte pergunta: “O que eu acho que a professora quis passar sobre e com a Capoeira nas aulas de Educação Física?”. A maioria dos(as) estudantes apresentou respostas bastante parecidas com o que registraram no “Quadro de Palavras”, conforme o Quadro 2, o qual mantém a grafia dos(as) estudantes. Destacamos que do total de estudantes registrados(as) na chamada da turma, quatro não responderam – três estudantes não estavam presentes na aula e, um que estava presente se recusou a fazer a tarefa.

Quadro 2: Repostas dos(as) estudantes nos Cadernos de Educação Física (“O que eu acho que a professora quis passar sobre e com a Capoeira nas aulas de Educação Física?”)

“Alguma coisa”.	“Ela quis passar cultura”.
“Aprender a lutar e quis passar a cultura para gente”.	“Eu acho que ela quis passar sobre as nossas origens, cultura do Brasil pela capoeira”.
“Eu acho legal, só não gosto de fazer a capoeira”.	“Eu não gostei muito das aulas, mas foi uma experiência boa”.
“Eu gostei um pouco dessa aula, e eu acho que a sora queria passar um pouco de outras origens e cultura”.	“Aula de capoeira: eu achei muito legal por que eu já fiz capoeira. O que eu aprendi: eu aprendi a tocar instrumentos e músicas”.
“Achei legal”.	“Cultura e história afrobrasileira e africana”.
“Acho que ela quis dizer que capoeira é uma tradição e uma cultura”.	“A sora quis nos ensinar a tradição e a história da capoeira”.
“É tradição”.	“Cultura, dança e tradição”.
“Ela quis ensinar cultura”.	“Quiz ensinar cultura”.
“Eu acho que ela quis mostrar a história da capoeira e a origem da capoeira”.	“A profe quer que agente aprender a cultura da capoeira”.
“Eu achei legal as aulas de capoeira, e acho que a sora quis passar respeito pelos amigos”.	“Eu acho que a sora quis ensinar com as aulas a tradição e a história”.

Fonte: Autores(as).

Analisando a produção do quinto “Quadro de Palavras”, bem como a maioria das escritas dos(as) estudantes nos Cadernos de Educação Física, percebemos que as compreensões iniciais sobre a Capoeira se mantiveram com relação à “luta” e à “dança”, mas com acréscimo de questões como “cultura”, “tradição”, “respeito”, “conhecimentos sobre a cultura e história afro-brasileira e africana pela Capoeira, bem como do Brasil” que inicialmente sequer tinham sido mencionadas. Entendemos que tal acréscimo na compreensão sobre a prática e cultura corporal afro-brasileira, sugere a importância e, mais do que isso, a necessidade de a Capoeira na escola ser vivida, experimentada e experienciada para além de uma atividade exclusivamente física, mas que possa existir o diálogo com os seus valores culturais, sociais, históricos e identitários.

Compreendemos, portanto, que a interculturalidade e a decolonialidade como uma perspectiva, um olhar e um entendimento e posicionamento político (TAVARES, 2021) nos auxiliou a fazer esse movimento de abordar e compreender a Capoeira a partir de saberes e conhecimentos menos eurocentrados, nos aproximando da noção de “aquilombamento” de Nascimento (2006a; 2006b; 2018). Também, nos auxiliou a (re)conhecer diferentes sujeitos e culturas, possibilitando, inclusive, em diversos momentos, os(as) estudantes se compreenderem no mundo a partir de outros referenciais e com outras simbologias, entendendo sua diversidade e complexidade, e superando atitudes de preconceito e a reprodução de estereótipos (FLEURI, 2003), especialmente com relação à África e às culturas africana e afro-brasileira.

Aquilombamento na Educação Física escolar: considerações possíveis

Ao tentarmos deslocar nossos olhares, pensamentos e formas de agir nas aulas de Educação Física, comprometidos(as) com a interculturalidade e a decolonialidade, a partir do conteúdo da Capoeira, atravessamos essa prática e cultura corporal afro-brasileira envolvidos(as) com e afetados(as) pelo legado ancestral africano e negro-brasileiro por meio de experiências intelectuais, corpóreas, sensoriais e de espiritualidade.

Nesse movimento tomamos as noções de quilombo e aquilombamento de Nascimento (2006a; 2006b; 2018), o que nos possibilitou a construção coletiva e partilhada de outras formas de experienciar e conceber a própria Educação Física escolar, com menos afastamento entre corpo e mente, bem como dialogando com saberes, conhecimentos, culturas, saberes-fazeres menos eurocentrados e, neste caso do conteúdo da Capoeira, aproximando-se das culturas e modos de vida africana e afro-brasileira.

Por outro lado, ao mesmo tempo que as perspectivas da interculturalidade e da decolonialidade possibilitaram reflexões sobre aquilombamento nas aulas de Educação Física, a partir das quais experienciamos outras formas de relacionar categorias como sujeito-objeto, pensamento e linguagem, realidade e linguagem, corpo e alma, indivíduo e sociedade, elas também provocaram resistências nos(as) estudantes. Muitos(as), inclusive, recusaram-se a participar de algumas atividades e questionavam, com frequência, a professora sobre as suas aulas, sustentando que as mesmas, supostamente, não eram aulas de Educação Física,

especialmente quando eram convidados(as) a produzir os “Quadros de Palavras” sobre as ressonâncias das aulas de Capoeira, a escrever nos seus Cadernos de Educação Física e a partilhar seus sentimentos e sensações sobre as aulas em rodas de conversa.

Nas sete aulas de Capoeira ministradas, ao mesmo tempo em que oferecemos possibilidades de reconhecer a pluralidade como um modo de compreender a si mesmo(a), os(as) outros(as) e os mundos, bem como uma forma de interagir, aprender e ensinar na escola, por outro lado fomos demandados(as) a sair, quase que o tempo todo, das nossas zonas de conforto – tanto os(as) estudantes quanto a professora. Esta configuração de aula ocorreu, seja para mobilizar outros conhecimentos e outros saberes, seja para viver, experienciar e experimentar outras formas de ser e estar na escola, em especial nas aulas de Educação Física.

Ao refletir sobre as aulas de Capoeira, nas quais foram realizadas vivências que representam a época da escravização, tratando a cultura afro-brasileira de modo negativo, reforçamos que partilhamos do entendimento de que não se trata de uma escolha pedagógico-política acertada para que os(as) estudantes reflitam sobre a temática. Considerando que a professora de Educação Física que pensou, organizou, planejou e vivenciou as aulas com os(as) estudantes é uma mulher branca e percebendo a branquitude como um pacto narcísico e opressor, torna-se urgente a racialização de pessoas brancas, já que o racismo foi cunhado e é, constantemente, fortalecido pela branquitude. Inclusive, observa-se que foi ressaltado pela professora na quarta e sexta aula de Capoeira.

As aulas de Capoeira comprometidas com uma agenda pedagógico-política intercultural e decolonial apresentaram vários desafios, contudo, partilhando do entendimento de Bins *et al* (2023), existem potencialidades e possibilidades presentes nesses desafios, sendo de suma importância aprender a desaprender para, então, reaprender de outra forma. Nesse movimento, as aulas de Capoeira possibilitaram que os(as) estudantes e a professora, por meio do princípio africano “Sankofa”, experienciassem a apropriação dos conceitos de raça e identidade por meio de um legado fundado no início da experiência diaspórica: a Capoeira. Esta prática cultural passou por arranjos de acordo com as condições do presente nas aulas de Educação Física e, com isso, emergiram possibilidades de reconhecer a pluralidade tanto como um modo de compreender a si mesmos(as), os(as) outros(as) e os mundos, como uma forma de interagir, aprender e ensinar na escola.

Em síntese, mesmo com todos os desafios e limites que encontramos e tentamos enfrentar, fomos, ao longo das aulas de Capoeira, produzindo outras possibilidades e modos de fazer acontecer a Educação Física, através das gingas, mandingas, ritmos, musicalidades e cultura afro-brasileira nas aulas de Capoeira com o sexto ano do ensino fundamental. Possibilidades e modos esses que não entendemos como algo que é melhor e/ou pior, mas sim como uma outra forma que, no nosso contexto e diante das nossas particularidades, foi possível de desenvolver na Educação Física escolar com inspiração nos pressupostos da decolonialidade e da interculturalidade.

Referências

BATALHA, Ettore Schimidt. É Angola ou Regional? Os estilos de Capoeira como estéticas da diáspora africana. **Em Tese**, Florianópolis, v. 19, n. 2, p. 156-178, set./dez. 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/view/83616/52608>. Acesso em: 24 jan. 2024.

BENTO, Maria Aparecida da Silva. **Pactos narcísicos no racismo: branquitude e poder nas organizações empresariais e no poder público**. 2021. 185 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

BINS, Gabriela Nobre. **Tecendo saberes, tramando a vida – a Educação Física e a Pedagogia Griô: uma experiência autoetnográfica de uma professora de educação física na RME POA**. 2020. 442 f. Tese (Doutorado em Ciências do Movimento Humano) – Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2020.

BINS, Gabriela Nobre; SILVA, Lisandra Oliveira e; MOLINA NETO, Vicente. Aprender a desaprender: práticas decoloniais em Educação Física em uma escola pública da cidade de Porto Alegre/RS. **Temas em Educação Física Escolar**, Rio de Janeiro, v. 8, p. 1-19, jan./dez. 2023. Disponível em: <https://portalespiral.cp2.g12.br/index.php/temasemedfisicaescolar/article/view/3906>. Acesso em: 24 jan. 2024.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Porto Editora, 1994.

BRITO, Eliana Povoas Pereira Estrela; SANTOS, Amilton; MATOS, Michelle. Pode um currículo aquilombar-se? **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 50, n. 176, p. 429-443, 2020. Disponível em: <https://publicacoes.fcc.org.br/cp/article/view/6924t>. Acesso em: 17 fev. 2024.

BRUSTOLIN, Cindia; RÊGO, Adriana Costa. “Capoeira Angola na terra de quilombola”: a capoeira angola como veículo sociocultural no Quilombo de Santa Maria dos Pretos em Itapecuru Mirim-Maranhão. **Revista Interdisciplinar em Cultura e Sociedade**, São Luís, v. 3, número especial, jul./dez. 2017. Disponível em: <https://periodicoeletronicos.ufma.br/index.php/ricultsociedade/article/view/7800/4810>. Acesso em: 22 jan. 2024.

CLANDININ, D. Jean; CONNELLY, F. Michael. **Pesquisa narrativa: experiência e história em pesquisa qualitativa**. Tradução de Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEI/UFU. Uberlândia: EDUFU, 2011.

SANKOFA: ancestralidade guia meus pensamentos. Direção: Rosemar Silva. [S. l.: s. n.], 2023. Publicado pelo canal Rosemarsilva2725. Disponível em: <https://youtu.be/w3d3fQZcWJQ?si=FTX2mFko88MYydi->. Acesso em: 24 jan. 2024.

FERNANDES, Felipe Araujo. Quando a arte e o artista se misturam: a capoeira angola e a luta pela liberdade. **Revista Científica de Artes/FAP**, Curitiba, v. 28, n. 1, p. 79-109, jan./jun. 2023. Disponível em:

<https://periodicos.unespar.edu.br/index.php/revistacientifica/article/view/7408/5488>. Acesso em: 24 jan. 2024.

FLEURI, Reinaldo Matias. Intercultura e educação. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n. 23, 2003. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rbedu/a/SvI7yB6GvRhMgcZQW7WDHsx/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 24 jan. 2024.

HALL, Stuart. **A identidade cultural da pós-modernidade**. São Paulo: DP&A, 2006.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. 2. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

LANETTE, Caroline. **Participatory Action Research as a decolonial method**. Site Refugee Hosts, jun. 2022. Disponível em: <https://refugeehosts.org/2022/06/23/participatory-action-research-as-a-decolonial-method/>. Acesso em: 14 jan. 2024.

LESSA, Letícia Dállya Caldas; GOMES, Wilson de Sousa. Uma luta de liberdade: a capoeira no ambiente escolar. **ENCONTRO DE EDUCAÇÃO HISTÓRICA E DIVERSIDADE**, 2., 2023, Goiânia. **Anais [...]**. Goiás: UEG, 2023, v. 2, p. 76-82. Disponível em: <https://www.anais.ueg.br/index.php/EEHD/article/view/16006/12744>. Acesso em: 24 jan. 2024.

MALDONADO-TORRES, Nelson. Analítica da colonialidade e da decolonialidade: algumas dimensões básicas. In: BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson;

GROSFUOGUEL, Ramón (org.). **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

MESTRE GUTO; AFRICANAMENTE PONTO DE CULTURA (org.). **A capoeira em Porto Alegre na década de 1970: os mestres, o início e o processo de desenvolvimento**. 1 ed. Porto Alegre: CirKula, 2023. 136p.

MESTRE MATIAS. **É da nossa cor**. 2024. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/mestre-matias/210594/>. Acesso em: 22 jan. 2024.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra**. Petrópolis: Vozes, 1999.

NASCIMENTO, Beatriz. O conceito de quilombo e a resistência cultural negra. In: RATTIS, Alex (org.). **Eu sou atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento**. São Paulo: Instituto Kuanza, 2006a, p. 117-125.

NASCIMENTO, Beatriz. É tempo de falarmos de nós... *In*: RATTS, Alex (org.). **Eu sou atlântica**: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento. São Paulo: Instituto Kuanza, 2006b.

NASCIMENTO, Beatriz. Sistemas sociais alternativos organizados pelos negros: dos quilombos às favelas. *In*: NASCIMENTO, Beatriz. **Beatriz Nascimento, Quilombola e Intelectual**: possibilidades nos dias da destruição. Diáspora Africana: Editora Filhos da África, 2018.

NOGUEIRA, Sidnei; SOUZA, Ellen. Giramos e assim nos educamos: com exu transformamos erros em acertos! *In*: SOUZA, Ellen; NOGUEIRA, Sidnei; TEBET, Gabriela (org.). **Giro epistemológico para uma Educação Antirracista**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022, p. 21-37.

NORONHA, Flávia Almeida; PINTO, Rúbia-Mar Nunes. Capoeira nas aulas de Educação Física: uma proposta de intervenção. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 7, n. 2, jul./dez. 2004, p. 123-138. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fef/article/view/16059/9845>. Acesso em: 22 jan. 2024.

PACHECO, Lillian. **Pedagogia Griô**: a reinvenção da roda da vida. Lençóis: Grãos de Luz e Griô, 2006.

PÉREZ GÓMEZ, Ángel I. A aprendizagem escolar: da didática operatória à reconstrução da cultura na sala de aula. *In*: SACRISTÁN, José Gimeno; PÉREZ GÓMEZ, Ángel I. **Compreender e transformar o ensino**. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.

REIS, Letícia Vidor de Souza. **O mundo de pernas para o ar**: a capoeira no Brasil. São Paulo: Publisher Brasil, 1997.

RUFINO, Luiz Rodrigues Júnior. **Exu e a pedagogia das encruzilhadas**. 2017. 233 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós Graduação em Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

SILVA, Alberto da Costa e. **A África explicada aos meus filhos**. Rio de Janeiro: Agir, 2008.

SILVA, Luciano Hebert de Lima. **Possibilidade metodológica para a capoeira na Educação Física escolar dos anos iniciais do ensino fundamental**. [livro eletrônico]. Fortaleza: INESP, 2020a.

SILVA, Rita de Cassia de Oliveira. Por uma didática intercultural: trabalhando com brechas decoloniais. *In*: CANDAU, Vera Maria. **Pedagogias decoloniais e interculturalidade**: Insurgências. [livro eletrônico]. Rio de Janeiro: APOENA, 2020b.

SOUTO, Stéfane Silva de Souza. Aquilombar-se: insurgências negras na gestão cultural contemporânea. **Revista Metamorphose**, Salvador, v. 4, n. 4, p. 133-144, 2020.

TAVARES, Natacha da Silva. **Construção curricular, Interculturalidade e Educação Física:** possíveis ressonâncias. 2021. 215 f. Tese (Doutorado em Ciências do Movimento Humano) – Programa de Pós Graduação em Ciências do Movimento Humano. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021.

TAVARES. Natacha da Silva; MADELA, Angelica; FRASSON, Jessica Serafim. Currículo e interculturalidade: um estudo de revisão para pensar uma aproximação com a Educação Física. **Educação por escrito**, Porto Alegre, v. 14, n. 1, p. 1-10, jan./dez. 2023. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/porescrito/article/view/44921/28384>. Acesso em: 24 jan. 2024.

BESOURO. Direção: João Daniel Tikhomiroff. [S. l.: s. n.], 2009. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7J4T8enS0oc>. Acesso em: 22 jan. 2024.

TORRES SANTOMÉ, Jurjo. **Currículo escolar e justiça social:** Cavalo de Tróia da educação. [recurso eletrônico]. Porto Alegre: Penso, 2013.

VIGOTSKY, Lev Semyonovich. **A formação social da mente:** o desenvolvimento social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

WALSH, Catherine. Interculturalidade e decolonialidade do poder: um pensamento e posicionamento “outro” a partir da diferença colonial. **Revista Eletrônica da Faculdade de Direito da Universidade Federal de Pelotas**, Pelotas, v. 5, n. 1, jan./jul. 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/revistadireito/article/view/15002>. Acesso em: 14 jan. 2024.